

OS PORTUGUESES NA CALIFÓRNIA — PERSPECTIVA HISTÓRICA

por
EDUARDO MAYONE DIAS *

Os portugueses marcaram a sua presença na Califórnia desde o início da penetração europeia na região. A primeira viagem de exploração da costa californiana teve lugar em 1542. Por ordem do Vice-Rei de Espanha organizou-se em Navidad, no México, uma expedição marítima cujo comando foi entregue a Juan Rodríguez Cabrillo — ou João Rodrigues Cabrilho, a aceitar a nacionalidade portuguesa que lhe é atribuída por um historiador espanhol, Antonio de Herrera. A biografia de Cabrilho não está no entanto documentada antes da sua chegada às Américas. Sabe-se apenas que foi capitão de besteiros em Cuba, que veio para o México na expedição de Pedro de Alvarado e que mais tarde lhe foi concedida uma *encomienda* na Guatemala. Numa obra recente¹ o autor inclina-se para a origem espanhola do navegador mas baseia-se muito mais na especulação do que no facto.

A pequena esquadra sob o comando de Cabrilho largou para o norte e a 28 de Setembro desse ano de 1542 arribou a uma baía a que foi dado o nome de San Miguel

* Universidade da Califórnia, Los Angeles.

¹ Harry Kelsey, *Juan Rodríguez Cabrillo*, San Marino, Califórnia, 1986.

por ser esse o santo celebrado no dia. (Anos depois o nome iria ser mudado para San Diego). Um pouco mais ao norte Cabrilho foi a terra numa das ilhas do Canal de Santa Bárbara para socorrer alguns dos seus homens que estavam sendo atacados por um grupo de índios e, ao saltar para as rochas, deu uma queda em que fracturou uma perna ou um braço. (Os relatos da época mostram-se contraditórios sobre a natureza da lesão, embora seja óbvio que se tratava de uma fractura exposta). Declarou-se gangrena e o capitão faleceu pouco depois, a 15 de Janeiro de 1543.

Para além da figura de Cabrilho e da sua muito controversa origem, vários outros nomes portugueses se podem apontar nas explorações da costa californiana durante o período colonial. Em 1595 Sebastião Rodrigues Sermenho comanda uma expedição espanhola que atinge a Baía de San Francisco. Em 1597 dois franciscanos portugueses, integrados na esquadra de Pedro de Unamuno, fazem parte do grupo que, em nome do Rei de Espanha, toma posse de uma baía que hoje se supõe ser a de Santa Cruz ou Morro Bay. Entre os mortos da viagem de exploração de Sebastián Vizcaíno contou-se pelo menos um português, o alferes João de Azevedo Texada (Teixeira?).

Os dados conhecidos sobre as expedições terrestres iniciadas no terceiro quartel do século XVIII por missionários franciscanos espanhóis não revelaram até agora a participação de quaisquer portugueses, embora esteja comprovada a sua presença no México por esta época². Contudo um documento existente nos arquivos da Missão de Santa Bárbara revela o falecimento aí, em Dezembro de 1799, de António José de Azevedo, natural da freguesia do Espírito Santo, no castiço bairro lisboeta de Alfama, que viera do México para a Califórnia como *artillero de mar*.

² Recorde-se, entre outros, o capitão terceirense Alberto do Canto, fundador da cidade de Saltillo.

A verdadeira emigração, no seu sentido actual, iniciou-se apenas em 1814, quando o minhoto António José Rocha desertou com outros tripulantes da escuna inglesa *Columbia*, ancorada no porto de Monterey. Este navio dedicava-se ao comércio entre a Inglaterra, China, Havai e costa pacífica da América do Norte, com repetidas escalas em Sitka, no Alaska, para meter peles. Não existe qualquer indicação das razões que levaram António José Rocha a embarcar no *Columbia*. Presos pelas autoridades espanholas, quase todos os desertores foram entregues ao capitão do navio. Contudo Rocha e outro marinheiro, ao que parece um galego, foram autorizados a permanecer em terra, talvez devido a serem católicos ou ao facto de as suas possíveis aptidões artesanais serem apreciadas numa região quase unicamente orientada para a criação de gado. A profissão de Rocha é dada no primeiro documento espanhol que se lhe refere como de *texedor*. Contudo mais tarde uma carta que assinala a sua passagem pela Missão de San Miguel, a caminho do sul, menciona que os padres o mantiveram lá ocupado por algum tempo em trabalhos de carpintaria. De qualquer modo Rocha acabou por chegar à Missão de San Gabriel, perto de Los Angeles, o que possivelmente indica que gozava da protecção dos franciscanos.

Segue-se um período obscuro após o qual Rocha emerge como concessionário do Rancho La Brea, em Los Angeles, onde cria uma manada de 600 reses³. Entretanto constrói uma casa no centro do *pueblo*, segundo algumas referências a maior aí existente, e contrai matrimónio com Josefa Alvarado, filha do sargento *comisionado* (chefe da polícia) da povoação. O casal teve vários filhos e Rocha parece alternar a sua actividade no sector da pecuária

³ A exportação de couros era então a principal actividade económica do sul da Califórnia.

e venda de couros com a sua ocupação de carpinteiro, até que vem a falecer em 1837, apenas com 47 anos de idade.

Entretanto vão chegando à Califórnia outros portugueses. Até à Corrida ao Ouro, iniciada em 1849, documentam-se uns vinte. De alguns pouco mais se sabe que o nome e por vezes a ocupação. De outros é possível coligir alguns dados biográficos. Manuel Dutra de Vargas, certamente açoriano, foi secretário do Governador Alvarado e depois abriu uma loja e taberna em Monterey. Jordan (Jordão?) Pacheco, natural de Lisboa, também foi taberneiro, em Los Angeles, e negociou em couros. Manuel de Oliveira, madeirense, empregou-se na Missão de San Gabriel e, após a ocupação norte-americana da Califórnia, foi nomeado administrador da dita missão. José Serradela, da Ilha das Flores, e António Lopes, caboverdiano, trabalharam como serventes em Los Angeles.

Foi contudo a descoberta de depósitos auríferos perto de Sacramento que muito incrementou o afluxo de portugueses à Califórnia. Por essa altura a frota baleeira da Nova Inglaterra, um terço de cujas tripulações era geralmente composto por açorianos e caboverdianos, actuava já no Pacífico e utilizava o porto de San Francisco, não muito distante da zona de mineração. Os baleeiros portugueses começaram então a desertar, atraídos eles também pela miragem do ouro.

Não foi todavia como prospectores que mais se distinguiram, embora alguns núcleos mineiros se tivessem mantido por algum tempo. Os portugueses, na sua quase totalidade açorianos⁴, inseriram-se em vez disso numa rede de apoio logístico à mineração: horticultura, avicultura,

⁴ Os caboverdianos só vieram em números algo significativos a partir de 1906. O primeiro trabalho de muitos dos recém-chegados foi a remoção dos escombros provocados pelo terramoto que nesse ano destruiu a cidade de San Francisco.

um modesto artesanato, comércio e hotelaria, pesca do salmão no Rio Sacramento e transportes em pequenas embarcações na Baía de San Francisco. Dentro em pouco começaram a fixar-se em outras zonas. Por volta de 1854 iniciou-se a sua concentração na cidade de San Leandro, onde muitos se dedicavam à criação de galinhas. Cultivaram alcachofras em Half Moon Bay e na década de 1880 já estavam a trabalhar nas vinhas de Santa Clara. Em 1888 introduziram a cultura da batata doce no Vale de Sacramento. A participação lusa na produção de leite arrancou, se não antes, pelo menos nos começos da década de 1880. No Condado de Marin a maioria dos emigrantes portugueses entregava-se à criação de gado leiteiro. Na viragem do século cerca de metade dos trabalhadores das «leitarias» na periferia da Baía de San Francisco era de origem lusa.

Foi por esta época que se iniciou a grande incursão destas explorações agro-pecuárias pelo Vale de San Joaquín. Desde cerca de 1870 que já se assinalava a presença de ovicultores portugueses nas zonas de Fresno, Hanford e Hollister. Com a construção do caminho de ferro e de um vasto sistema de canais de rega o perfil económico do Vale mudou impressionantemente. Proprietários uns já de vastas extensões de terra antes quase estéril, só apropriada para a pastorícia, adquirindo-a então outros, os portugueses puderam por estes tempos reconvertê-la para o cultivo da luzerna e para a criação de gado leiteiro. Gentes do Pico, Faial, São Jorge, Flores e Corvo afluiram ao Vale, transferindo para aí as «leitarias» que possuíam no norte da Califórnia. Entre 1910 e 1930 foram contudo terceirenses 60% dos portugueses que emigraram para esta região. Trabalharam primeiro como ordenhadores mas em breve muitos se estabeleciam por conta própria. A última grande vaga migratória para o Vale de San Joaquín começou a registar-se a partir de 1957, quando as autoridades americanas concederam facilidades para a entrada dos sinistrados da erupção dos Capelinhos. Estes

faialenses (e outros que de algum modo emigraram ao abrigo das novas disposições) radicaram-se sobretudo à volta de Turlock e no Vale de Santa Clara⁵.

Nos fins da década de 1960 existiam no Vale de San Joaquín cerca de 2 400 «leitarias», das quais entre 55 a 60% eram propriedade de portugueses, sobretudo terceirenses, e luso-descendentes. Cerca de 82% dos ordenhadores das «leitarias» portuguesas e 32% dos que se empregavam em «leitarias» de outras nacionalidades eram também portugueses. Calculava-se há poucos anos que os açor-americanos da Califórnia eram proprietários de 365 500 cabeças de gado leiteiro, o que, acrescentado ao valor dos terrenos, construções e equipamento, representava um capital de cerca de 1 466 200 000 dólares.

Os portugueses concentraram-se igualmente em zonas costeiras. Em 1855 criou-se em Monterey uma companhia baleeira composta por 17 portugueses, que dispunham de duas canoas para a caça costeira. Foram-se depois constituindo outras companhias que estabeleceram postos baleeiros por toda a costa californiana, desde Crescent City a San Diego, penetrando até pela Baixa Califórnia. Tratava-se de uma actividade sazonal e por consequência sem carácter de fixação permanente, o que explica a escassa documentação existente sobre ela. O último posto baleeiro, o de San Simeon, foi encerrado em 1892⁶.

Nos princípios deste século começaram a fixar-se pescadores picoenses em San Diego. A Grande Guerra incrementou a procura de alimentos enlatados, necessários para o abastecimento das tropas norte-americanas na Europa, e os portugueses de San Diego passaram então a dedicar-se

⁵ A partir da década de 1920 começaram também a aparecer «leitarias» portuguesas perto de Los Angeles, nomeadamente nas zonas de Long Beach, Artesia e Chino.

⁶ O local denominado Portuguese Bend, na Península de Palos Verdes, ao sul de Los Angeles, atesta a presença aí de um desses postos baleeiros portugueses.

à pesca do atum. Começando com pequenas embarcações, esta actividade em breve aumentou o seu volume e raio de acção. Em 1919 o picoense Manuel de Oliveira Medina mandou construir o *Oceana*, a primeira unidade a ser destinada especificamente à captura de atunídeos. Muitos outros barcos se lhe seguiram e em 1928 foi lançado ao mar o primeiro atuneiro com casco de aço.

A Segunda Guerra Mundial iria trazer contudo uma pausa na indústria. A Marinha Americana, ressentida das perdas sofridas em Pearl Harbor, começou a mobilizar barcos mercantes. Os atuneiros, devido à sua fácil capacidade de manobra e às instalações de frio de que eram dotados, tornaram-se especialmente desejáveis para uma adaptação a unidade de patrulha e reabastecimento. Tripulações portuguesas inteiras viram-se pois em breve envergando o uniforme naval e servindo no Pacífico. Alguns antigos atuneiros portugueses foram afundados nestas operações.

Terminado o conflito, os métodos foram pouco a pouco aperfeiçoando-se. Abandonou-se a pesca à linha, com isca viva, sempre difícil de capturar e manter, e começaram a aparecer os cercadores, dotados de enormes redes que envolvem todo o cardume. Os barcos passaram então a dispor de helicópteros para a detecção do peixe e do mais recente equipamento de navegação e de refrigeração e a alargar o seu raio de acção até águas sul-americanas, africanas e neo-zelandesas. Pelos fins da década de 1970 os armadores portugueses e luso-descendentes controlavam 70% da frota atuneira de San Diego. O custo da construção e apetrechamento de uma unidade atuneira orçava agora pelos doze ou treze milhões de dólares. Tratava-se contudo de uma actividade altamente rendosa. Um capitão, em particular se era também dono ou sócio do barco, poderia fazer 250 000 dólares anuais. Um pescador poderia começar com 20 000 durante o seu primeiro ano e chegar a 80 000 depois de adquirir experiência. A partir da década

de 1980 factores vários levaram a um brusco declínio da indústria e os armadores venderam os seus barcos ou passaram-nos para bandeiras de conveniência. Presentemente existe apenas em San Diego um barco atuneiro de grande tonelagem, aliás comandado por um português.

A radicação em zonas urbanas e a inserção em actividades terciárias, embora não representem de modo algum um fenómeno recente, têm-se intensificado consideravelmente nos últimos anos. A grande concentração urbana portuguesa na Califórnia situa-se nas cidades adjacentes de San José e Santa Clara. Na primeira destas criou-se o chamado Centro Comercial Português que conta com vários estabelecimentos nos ramos de restaurante, padaria, mercearia, confecções, sapataria, artigos regionais, viagens e bens imóveis. Existem também aí as redacções de dois jornais⁷ e uma estação de rádio em língua portuguesa⁸. No antes denominado Vale de Santa Clara, hoje um parque industrial conhecido como Silicone Valley, muitos portugueses empregam-se na indústria electrónica, quer em serviços de limpeza quer a um nível semi-especializado.

Também noutras aglomerações urbanas se encontram núcleos portugueses. Em Los Angeles dedicam-se ao serviço doméstico e em Artesia ocuparam-se durante bastante tempo nas indústrias de transformação de alimentos, tendo ultimamente derivado para a limpeza de escolas, jardinagem e indústria automóvel. Em San Diego muitos trabalharam em estaleiros e fábricas de conservas mas tiveram de procurar outras ocupações, aposentar-se ou regressar a Portugal, devido à recente crise do sector atuneiro. Embora em números reduzidos, por toda a Califórnia se encontram portugueses desempenhando profissões liberais, sobretudo ao nível de ensino.

⁷ O primeiro jornal português da Califórnia, *Voz Portuguesa*, foi fundado em 1880.

⁸ Tanto aqui como noutras zonas o comércio português da Califórnia limita-se predominantemente a parâmetros étnicos.

Será difícil prever por que trajectória enveredará a emigração portuguesa — quase que se poderia dizer açoriana — para a Califórnia. Na última década as chegadas diminuíram substancialmente. A manter-se este decréscimo será pois de conceber um envelhecimento da comunidade e um progressivo domínio da vida comunitária por uma geração de luso-descendentes. Não é porém de crer que com facilidade desapareça a tradição cultural que os portugueses trouxeram a essa região e que tão vigorosamente tem marcado a sua presença por mais de 170 anos.